



Educomunicação em espaços públicos: experiências do Trabalho Socioambiental de Pelotas¹

Eduarda Schneider LEMES²

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre as experiências, desafios e dificuldades de um projeto de Educomunicação, desenvolvido com crianças em situação de risco e vulnerabilidade socioambiental, realizado fora da escola, visando a criação de um espaço comunitário de educação para a mídia e de crítica da mídia entre essa população. Parte-se do conceito de Educomunicação como metodologia de trabalho, apontando para os limites dessa prática quando atrelada a práticas pedagógicas vindas do modelo escolar.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; comunitário; comunicação; educação; crítica da mídia.

INTRODUÇÃO

A Educomunicação, ou ainda Media Education, Media Literacy e Educación en Médios, é um conceito nascido na década de 80 que se define como espaço de intervenção social associando a Comunicação e a Educação num campo interdiscursivo, interdisciplinar e sem fronteiras (SOARES, 2011, p. 3). Consiste na intersecção dos campos da Comunicação e da Educação, entendendo como fundamental a leitura crítica da mídia, propiciada pela apropriação técnica da produção midiática pelos cidadãos.

O termo foi difundido a partir do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, em 1999, quando tiveram início os trabalhos e pesquisas na área. Antes disso, já havia aparecido no ano de 1980, quando a UNESCO usou para designar uma prática europeia definida como Media Education, num contexto de crise da educação e da legitimação

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, email: eduarda.lemes@hotmail.com



dos meios de comunicação de massa como “o eixo da sociedade que atravessa as novas condições da sociedade de pensar e organizar” (SOARES, 2000, p. 15).

A metodologia de trabalho utilizada pela Educomunicação possibilita a criação de ecossistemas comunicativos³ abertos e criativos, predominantemente em espaços educativos. Apesar das definições do conceito conduzirem práticas de ONG's, movimentos sociais e Universidades, que procuram a promoção da cidadania e o debate democrático e inclusivo de ideias sobre a sociedade em suas ações e projetos, as metodologias utilizadas ainda são muito atreladas a práticas pedagógicas vindas do modelo escolar.

No presente trabalho, a experiência de um projeto de Educomunicação desenvolvido com crianças que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade socioambiental, realizado na cidade de Pelotas-RS e vinculado ao Serviço Autônomo de Saneamento (SANEP) e ao Trabalho Socioambiental de Pelotas (TSA), demonstram a dificuldade e os obstáculos encontrados na prática educacional em espaços públicos e a carência da área em alternativas metodológicas para realização das atividades educacionais com crianças fora do ambiente escolar.

A Educomunicação nos Espaços Públicos

A educação chamada não formal se contrapõe ao modelo conservador e institucionalizado da educação escolar. Considerando a situação da educação escolar e seus aspectos históricos, como os apontados no conceito de "educação bancária"⁴ de Paulo Freire, a educação formal é narrativa e deposita nos educandos "conteúdos que são retalhos da realidade desconectada da totalidade em que se engendram" (p.33).

A educação não formal (ou informal), por outro lado, se dá em espaços não institucionalizados cujo aprendizado acontece de forma mútua, na família, nas relações estabelecidas entre amigos, nas rodas de conversas etc. Para Neumann (1990)

³ De acordo com Soares (2011), o ecossistema comunicativo é uma figura de linguagem utilizada para nomear as relações construídas coletivamente, favorecendo o diálogo social e levando em conta as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias.

⁴ Segundo Freire (1970) a educação bancária se caracteriza pela realização, por parte dos educadores, de depósitos de conteúdos nos educandos. Os educandos seriam recipientes a serem encheidos pelos educadores e a avaliação dos educadores seria baseada nisso: quanto mais encherem seu educandos melhores os educadores serão. (FREIRE, 1970, p. 33).



Podemos então definir a educação informal como sendo um processo de ensino-aprendizagem que acontece de forma natural, espontânea, na medida em que o grupo popular dialoga, discute, participa, toma decisões, se envolve, se organiza e luta por suas necessidades e seus interesses. É uma educação que se faz fazendo, bem por isso reservando constantes surpresas, tanto positivas, quanto negativas. Isso não significa que não tenha um plano de metas, uma organização com revisão constante dos resultados e das metodologias empregadas (NEUMANN, 1990, p. 61).

Na educação formal, segundo Freire, "em lugar de comunicar-se o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem" (p.33). Em contraponto, a educação não formal se dá em meio às experiências de vida e situações reais em que se envolvem as pessoas, contextualizando fatos e relacionando-os com a realidade dos participantes do ato educativo⁵.

Portanto, é na educação não formal que o Trabalho Socioambiental desenvolve suas atividades de Educomunicação. O conceito de Educação considerado, tanto na preparação das atividades, que conta com a participação de dois adolescentes da comunidade, como no desenvolvimento das oficinas com as crianças é de um processo dialógico e participativo que propicia espaços de integração, onde é instigado o senso crítico através de uma comunicação horizontal pautada na garantia do direito à comunicação.

As novas mídias, aliadas às tecnologias que fazem com que as antigas se modifiquem e interajam com o público consumidor, produzem diariamente uma enxurrada informativa. A informação circula como nunca e preenche os espaços não formais. Com a globalização, os produtos culturais - filmes, programas de TV, música, moda etc. - passaram a influenciar e ser parte do dia-a-dia das pessoas. Segundo o filósofo Douglas Kellner (2008) "é agora, mais do que nunca, que as crianças precisam aprender a questionar criticamente as mensagens que as cercam e usar a grande variedade de ferramentas disponíveis para expressar suas ideias e exercer plena participação na sociedade" (KELLNER, 2008, p. 689).

A mídia no Brasil, caracterizada pela concentração e formação de oligopólios de comunicação, é diretamente relacionada com a economia. Cada vez mais a comunicação

⁵ Considera-se neste artigo e nas atividades de trabalho do TSA a educação como um processo de busca e uma prática libertadora em que os educadores desempenham papel de facilitadores do acesso à informação e produtores de conhecimento junto aos educandos.



é controlada por menos grupos de pessoas⁶ e mais voltada ao entretenimento, banalizando a informação e, conseqüentemente, prejudicando o exercício da democracia. Segundo GUARESCHI e BIZ (2005)

A democracia de uma nação fundamenta-se em cidadãos dignos, possuidores de direitos iguais, além de deveres correspondentes. Para que alguém possa ser verdadeiramente cidadão, é fundamental que participe da construção de sua cidade, de seu país, através da comunicação, como faziam os antigos gregos. (...) A participação na comunicação é, pois, indispensável para a cidadania (GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 13).

Nesta perspectiva, as atividades de Educomunicação realizadas pelo Trabalho Socioambiental entendem o direito à comunicação como um direito humano e a democratização da comunicação como atitude fundamental para que a população possa exercer a democracia.

Para Herbert de Souza, segundo Guareschi em *O Direito Humano à Comunicação* (2013) é decisiva a forma através da qual os meios de comunicação são utilizados numa sociedade pois são eles que vão pautar as discussões e determinar aquilo que existe e o que não existe publicamente. Os dados publicizados no site www.donosdamidia.com.br mostram a existência de oligopólios⁷ de comunicação, o que concentra o direito de comunicar nas mãos de poucos.

Porém, conforme Guareschi, a comunicação vem revelando aspectos mais amplos. Para o autor, "o fato de comunicar implica também valores, normas, comportamentos, maneiras de compreender e definir o mundo. Em outras palavras, a prática comunicacional não apenas diz como as coisas foram, ou são, mas como as coisas devem ser. Como as pessoas devem se comportar". (GUARESCHI, 2013, p.121). Sendo assim, a comunicação, segundo Freire, só pode ser autêntica e verdadeira se implicar o diálogo, considerando o ser humano como uma relação⁸, "em pé de igualdade"⁹ (GUARESCHI, 2013, p.122).

Neste contexto se faz necessária a discussão acerca da Educomunicação nos espaços públicos. As atividades de Educomunicação do Trabalho Socioambiental

⁶ Segundo dados disponíveis no site www.donosdamidia.com.br.

⁷ Art. 220 §5, CF: Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

⁸ Para Guareschi, a pessoa é igual a uma relação. "(...) por relação designamos uma realidade (ser, fenômeno etc.) cuja existência depende do "outro". O "outro" é intrínseco a esse ser, faz parte de sua própria definição" (GUARESCHI, 2013, p. 83).

⁹ "Em que não há um que sabe mais e o outro que sabe menos, mas há um que sabe uma coisa e outro que sabe outra" (GUARESCHI, 2013, p. 122).



compreendem a Educação (comunicativa) e a Comunicação (educativa) como práticas democráticas, éticas e libertadoras. A Educomunicação, desta forma, assume tal caráter e é entendida como metodologia que utiliza a Comunicação como ferramenta de mobilização e transformação social.

Sobre a Educomunicação nos espaços públicos (ONG's e movimentos populares), a pesquisadora da Comunicação Cicilia Peruzzo afirma que a preparação para o exercício da cidadania é compartilhada entre a família, os meios de comunicação de massa, a igreja, os sindicatos e demais relações sociais estabelecidas cotidianamente. Segundo a autora, o âmago da educação para a cidadania está

na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas (PERUZZO, 1999).

Ou seja, a comunicação não se dá apenas na escola e nos meios de comunicação, mas sim em todo e qualquer espaço em que haja diálogo e que se estabeleçam relações entre as pessoas.

A metodologia educomunicativa em espaços públicos é utilizada em alguns projetos com crianças e, principalmente, jovens. Porém pouca referência foi encontrada para servir de base às oficinas desenvolvidas pelo TSA considerando as particularidades que caracterizam as crianças envolvidas, como será explicitado no tópico a seguir.

Trabalho Socioambiental de Pelotas e a comunidade de intervenção

A cidade de Pelotas, assim como as demais cidades de seu porte, vem passando por um processo de urbanização crescente nas últimas décadas. Em consequência disso, e do crescimento imobiliário, vem sendo proporcionado pelo governo federal que pequenas e médias cidades aumentem sua capacidade em termos de saneamento ambiental. Em Pelotas, alguns empreendimentos estão em construção. A instalação de uma tubulação coletora de esgoto e de uma Estação de Tratamento de Efluente numa das áreas mais promissoras da cidade em termos de crescimento imobiliário estão entre as obras. Na área em questão, localizada no bairro Três Vendas, Zona Norte da cidade, a rede coletora irá interceptar o efluente das casas que já possuem rede de esgoto e transportá-lo até a nova estação de tratamento. Porém, foi constatado pelo Trabalho



Socioambiental da cidade que uma determinada população do local, que se encontra em situação de risco e vulnerabilidade social há mais de 20 anos, seguirá à margem dos avanços previstos para a área.

Tendo este contexto como ponto de partida, o Trabalho Socioambiental¹⁰ (TSA), uma exigência do Ministério das Cidades para a implantação de empreendimentos em saneamento, entendendo o saneamento como direito básico da população e necessário para qualidade de vida, estabeleceu esta comunidade, chamada de Loteamento Santa Cecília, como prioridade nas suas ações de intervenção.

As atividades do TSA se dão a partir do conceito de justiça ambiental¹¹, que entende a desigualdade ambiental como a distribuição desigual dos riscos e males ambientais apoiados em processos sociais e políticos.

Os eixos de trabalho do TSA são a mobilização e a comunicação social. Nas ações de comunicação se utiliza a metodologia da Educomunicação no trabalho com as comunidades atendidas.

Geralmente os discursos, oficinas, seminários e demais trabalhos realizados em educação socioambiental são desenvolvidos com as populações menos favorecidas economicamente, aquelas que acabam vivendo diretamente junto aos problemas ambientais: falta de saneamento, poluição, resíduos sólidos etc. A questão é que, conforme Acselrad, Mello e Bezerra (2009), não é legítimo o discurso que é divulgado pelos meios de comunicação – escolas, mídia, governos etc. – que coloca “a *humanidade*, o *homem* ou *toda a sociedade* como vítimas da crescente degradação ambiental planetária, não importando a maneira ou onde as pessoas vivem” (ACSELRAD, MELLO e BEZERRA, 2009, p.10).

Segundo os autores, em *O que é justiça ambiental*, “difunde-se a ideia de que estamos todos igualmente sujeitos aos efeitos nocivos de uma crise ambiental” (p. 10), quando na verdade os discursos não podem ser genéricos, uma vez que as populações são diferentes e lidam de formas diferentes com os seus problemas. Ou seja, há grande desigualdade, também, no que se refere às questões ambientais, e essas desigualdades

¹⁰ O Trabalho Socioambiental de Pelotas é realizado pelo Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (SANEP) e atende a uma exigência do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) - Ministério das Cidades.

¹¹ O movimento por justiça ambiental surgiu nos EUA, nos anos 80, na época em que estudos sobre a distribuição dos riscos ambientais haviam chegado a conclusão de que os impactos dos acidentes ambientais estão desigualmente distribuídos por raça e por renda. (ACSELRAD, 2009). O conceito é articulado às lutas por justiça social e implica no "direito a um meio ambiente seguro, sadio e produtivo para todos, onde o 'meio ambiente' é considerado em sua totalidade, incluindo suas dimensões ecológicas, físicas construídas, sociais, políticas, estéticas e econômicas". (ACSELRAD, 2009, p. 17).



são reflexos dos desníveis econômicos e sociais da população. Sendo assim, as demandas ambientais devem ser tratadas levando em consideração as questões econômicas, sociais, culturais etc.

Nesse sentido, o TSA atua com o objetivo de não compactuar com a situação de invisibilidade em que se encontra o Loteamento Santa Cecília, a fim de mobilizar a comunidade com vistas à garantia de seus direitos.

O Loteamento Santa Cecília começou a ser ocupado há mais de 20 anos por famílias que deixaram suas casas, predominantemente localizadas na zona rural dos municípios da região, para tentar melhores condições de vida e de trabalho na cidade. A ocupação foi aumentando gradativamente conforme as famílias começaram a se estruturar e novas casas foram construídas para filhos, netos, irmãos etc. O local fica situado às margens de um curso hídrico, chamado Sanga das Três Vendas, hoje depósito de grande parte do esgoto do bairro. A população do loteamento está diariamente exposta a diversos riscos socioambientais, de saúde, de moradia etc, estando sujeitos a doenças de veiculação hídrica, alergias, erosão do solo e alagamentos, além das situações consequentes da precariedade em que vivem essas famílias, como a desigualdade e segregação social.

As oficinas de Educomunicação

Pretendendo retomar um projeto piloto realizado com as crianças entre os meses de janeiro e maio de 2013, o Trabalho Socioambiental, pautado pelo conceito da Educomunicação por entender como fundamental a leitura crítica da mídia e do mundo, deu início a um projeto pensando como produto futuro a elaboração de um jornal mural pelas crianças. A ideia é instigar o pensamento crítico sobre o lugar onde elas vivem, apontando no jornal questões pertinentes, vistas pelo olhar delas, sobre o espaço que ocupam relacionando temas cotidianos como saúde, educação, ambiente, cultura etc., atentando e considerando o mais importante e interessante no projeto o processo de construção do conhecimento nas oficinas.

Através do jornal mural, que será fixado em pontos estratégicos do bairro, as crianças poderão comunicar aos moradores suas percepções sobre a realidade, exercendo o direito à comunicação e chamando atenção para temáticas coletivas e de



interesse direto da população local. O jornal, produzido através de oficinas, será resultado de um processo dialógico de encontros iniciados em fevereiro deste ano com um grupo de 25 crianças.

Até o final do mês de março foram realizados sete encontros. Entre eles diversas atividades: conversas, desenhos, brincadeiras, elaboração de cartazes, filmes, contação de histórias etc. Nas experiências mais específicas de educomunicação, quando as crianças foram convidadas a elaborar cartazes contando a atividade da semana anterior por exemplo, houve resistência. As crianças não queriam pensar na atividade anterior, na qual desenharam suas casas, dizendo apenas que a oficina tinha sido boa e que gostaram de desenhar. Rapidamente os grupos se dispersaram, achando mais interessante as brincadeiras com jogos pedagógicos ou no pátio. Quando questionadas sobre o que aconteceu na oficina anterior, respondiam, predominantemente, que não lembravam.

Já foi percebido que as crianças, carentes de atenção, carinho, divertimento, disciplina e mais uma série de aspectos, têm nas oficinas um momento único e especial, onde podem se encontrar e dispõem de espaço, alimentação e pertences seus para usufruir coletivamente, fora da escola.

A atividade já mencionada trouxe um resultado bastante interessante no que se refere à metodologia das oficinas de Educomunicação. A resistência das crianças, vista através da dispersão e agitação ansiosa para o horário das brincadeiras, demonstraram que a metodologia proposta na oficina não condiz com o contexto cultural e de vida dos envolvidos, nem com seus anseios e necessidades.

As crianças comunicam nas brincadeiras, nas conversas e na relação que estabelecem entre elas e com a equipe de trabalho. E esse é o ponto a ser explorado pela educomunicação. Um desafio que carece de referência na área e que precisa ser pensado, levando em consideração a prática educ comunicativa nos espaços públicos, em comunidades que vivenciam o risco e a vulnerabilidade social.

Portanto, a metodologia de trabalho precisou ser repensada, reconstruída e adaptada. Grande parte das boas experiências em Educomunicação publicizam a leitura crítica da mídia conquistada através da apropriação das técnicas de produção midiática. No caso do projeto o jornal mural, envolve técnicas de produção como as reuniões de pauta, a apuração dos fatos, a redação, a edição e a diagramação. Porém, as crianças que participam das atividades, como já explicitado, vivem em situação de risco e



vulnerabilidade social. Muitas delas apresentam dificuldades cognitivas, por exemplo, no que se refere a escrita de textos, e de concentração, não ficando satisfeitas em não brincarem com os demais e ficarem sentadas correspondendo às expectativas da equipe de trabalho.

A partir de todos esses dados algumas mudanças na metodologia do projeto foram realizadas. A primeira, considerando a situação que se apresentou no decorrer das oficinas, foi o adiamento da proposta do jornal mural. Foi percebido que as crianças, neste momento, têm outras necessidades que serão trabalhadas através da metodologia da educomunicação, valorizando os processos e experiências do grupo. Alguns temas transversais, como o respeito às diferenças entre as pessoas, o direito à cidade, as diversas formas de comunicação, a relação com o espaço em que vivem, o fortalecimento dos vínculos familiares e inúmeros assuntos que surgem trazidos pelas crianças em cada encontro, serão trabalhados na metodologia educamunicativa, propiciando espaços dialógicos nos quais cada criança seja estimulada a relacionar seu conhecimento com os temas e compartilhá-lo com o grupo.

Acredita-se que desta forma, com a facilitação da comunicação entre as crianças e entre o grupo como um todo (encontra-se aí a equipe do TSA), alguns aspectos que surgem nas oficinas poderão ser trabalhados e administrados junto às atividades de produção do jornal mural.

Outra ideia que foi pensada após a atividade teste de produção do jornal mural (a da produção dos cartazes) foi a seleção de algumas crianças, já mais velhas e com nível de escolaridade maior, que consigam neste momento assimilar os temas trabalhados relacionando-os com suas experiências de vida, assim como produzir textos e imagens dentro de suas limitações, para a produção do jornal e formação de uma equipe facilitadora das atividades para as crianças menores. Assim, os vínculos afetivos serão trabalhados e, também, a comunicação, que será eixo do projeto, acompanhando as relações estabelecidas entre as crianças, com a equipe e com o bairro onde vivem.

CONCLUSÃO

As ações de Educomunicação do TSA voltam-se para a melhoria da qualidade de vida de uma comunidade que sofre a injustiça socioambiental. Nesse sentido as



atividades desenvolvidas junto a esta comunidade visam garantir o direito à comunicação, tão importante num mundo globalizado e amplamente midiático. Ou seja, visam afirmar o direito da população de ser ouvida e se publicizar suas percepções e seus anseios sobre, para e com o local, posicionando-se criticamente quanto ao processo de invisibilização a que é submetida pela atuação da mídia. .

A partir do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Trabalho Socioambiental de Pelotas desde 2012, pode-se constatar que, assim como qualquer atividade realizada, a Educomunicação não pode chegar nos espaços públicos como réplica das atividades desenvolvidas nas escolas. A procura por um ambiente dialógico, que propicie troca de saberes, informações, vivências e modos de vida, a que se propõe a Educomunicação, questiona os modelos atuais de Educação e Comunicação predominantes em nossa sociedade.

As ações educacionais, geralmente realizadas nos espaços educativos institucionalizados, não dão conta da diversidade presente nas oficinas do Trabalho Socioambiental, existente devido a situação de desigualdade socioambiental, e aos inúmeros riscos sociais a que a população do Loteamento Santa Cecília fica diariamente exposta. A metodologia utilizada nas atividades de Educomunicação, até mesmo nas escolas, precisa ser constantemente acompanhada, analisada e, se necessário, adaptada.



REFERÊNCIAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Ed.Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: um campo de mediações**. Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 12 a 24. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/viewFile/4147/3888>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecilia; BEZERRA, Gustavo. **O que é Justiça Ambiental**. Garamond. Rio de Janeiro, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho.; BIZ, Osvaldo. **Mídia e democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho. **O Direito Humano à Comunicação: Pela democratização da mídia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NEUMANN, Laurício. **Educação e Comunicação Alternativa**. Vozes, 1990.

KELLNER, Douglas e SHARE, Jeff. **Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação**. Educ. Soc., Campinas, vol.29, n. 104 - Especial, pp. 687-715, 2008. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

PERUZZO, Cecília. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. Comun. In/., v. 2, n. 2, pp. 205-228, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/22855/13596>>.